

MEDEA: EXPERIÊNCIA EM VIDEOPERFORMANCE

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2023.201593

DOSSIÊ MUNDOS EM PERFORMANCE: NAPERDRA
20 ANOS

LUCIANA LYRA

ORCID
<https://orcid.org/0000-0001-5440-5482>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil,
20550-900 – ppgartes.uerj@gmail.com

A criação da videoperformance MEDEA partiu do desejo de grafar uma cena teatral em moldura audiovisual, como experiência artística possível no período de pandemia da covid-19, no ano de 2021, em São Paulo. Para além do impulso de (re)existência poética em tempos sombrios, a investida remota de MEDEA inaugura a minha parceria como atriz-pesquisadora com a diretora Ana Cecília Costa (sublinhando as minhas investigações), como professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)¹, líder do grupo Motim² e pesquisadora do grupo Napedra,³ nas agendas feministas em articulação com mitos/ritos no campo da performance.

1. Ingressei na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2015, e atuo no Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular (DEACP), como docente associada. Atualmente, coordeno também o Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes), onde sou professora permanente na linha Arte, pensamento e performatividade – <https://www.ppgartes.uerj.br/>.

2. O MOTIM – Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes é um grupo de pesquisa certificado pelo CNPq desde 2015, fundado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui também vínculo com a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – <https://amotinadas.wixsite.com/motim>.

3. O Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (Napedra) surgiu em 2001, no interior do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP), a partir da iniciativa de alunos e professores interessados em explorar interfaces da antropologia com o teatro e outras artes performáticas. Em 2005, o núcleo ganhou impulso com a entrada de pesquisadores do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). No encontro de pesquisadores de artes performáticas interessados em antropologia e antropólogos em busca de saberes associados às artes performáticas, surge o Napedra.

Faz-se mister recobrar que a minha MEDEA teatral ganha corpo bem antes, em 2014, quando chamada para a primeira leitura dramática de *Um berço de pedra*, texto de Newton Moreno no projeto *Leituras em cena*, do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), em São Paulo. Em 2015, repetiu-se a leitura, no Teatro NET São Paulo, quando foi conquistado o Prêmio de montagem do Programa de Ação Cultural da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo (ProAc-SP).

Em fins de agosto de 2016, iniciou-se o processo de criação teatral e, no caminho, muitas referências de minhas pesquisas foram reestudadas – desde *Joana d’Arc*,⁴ passando pelas *senhoras de engenho*,⁵ às *guerreiras de Tejucupapo-PE*,⁶ assim como memórias pessoais de migração, da minha origem nordestina e da maternidade que foram retomadas. Também outras referências cinematográficas acerca de MEDEA, como os filmes homônimos de Lars Von Tries e Pier Paolo Pasolini, foram acessadas. Apresenta-se, portanto, um campo de impulsos de criação que acabaram por fomentar uma trilha para construção desta minha MEDEA, então com atuação grandiloquente e inevitavelmente trágica.

A peça *Um Berço de Pedra*, com direção de William Pereira, cumpriu temporada no Centro Cultural São Paulo, no Teatro da USP e, por fim, no Teatro SESC Ginástico, no Rio de Janeiro. Após o término deste libelo acerca da maternidade – que é o texto de Moreno –, urdido em fragmentos sobre a mãe, MEDEA, que, a saber, eclode de um conto criado pelo dramaturgo e publicado em livro,⁷ foi por mim apresentada como cena destacada em eventos feministas promovidos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Udesc e USP, entre 2017 e 2018.

Na versão remota de MEDEA, dirigida por Ana Cecília, em 2021, o texto de Newton ganha relevo ao situar a cena numa cela cenográfica e investir numa atuação em tom intimista, sem abrir mão da tragicidade, instalando

4. Entre 2003 e 2005, desenvolvi minha dissertação de mestrado em artes da cena na Unicamp. A investigação versa sobre as articulações entre tradição e contemporaneidade, entre o Cavalo-Marinho (Bumba-meu-boi pernambucano) e a *Performance Art*, tendo como mote a experiência cênica com o mito da Joana d’Arc, santa francesa do medievo.

5. Entre 2007 e 2010, empreendi uma pesquisa acerca das matriarcas de minha família, formada entre Pernambuco e Paraíba, instigada pelo projeto de montagem da peça *Memória da cana*, dirigida por Newton Moreno, a partir do cruzo entre a peça *Álbum de família*, de Nelson Rodrigues, e *Casa grande senzala*, de Gilberto Freyre. Montada pela Cia. Os Fofos Encenam, a peça cumpriu várias temporadas e numerosos festivais de teatro em todo Brasil.

6. Entre 2007 e 2011, desenvolvi minha tese de doutorado em artes da cena na Unicamp. A investigação dá continuidade aos estudos sobre a mulher guerreira, nesse momento trancando uma jornada *artetnográfica* na comunidade de Tejucupapo, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, historicamente marcada pela luta de mulheres contra soldados holandeses, em 1646. A pesquisa de doutorado, além de render a tese, desdobrou em dramaturgia-encenação do espetáculo *Guerreiras* (2009), também tema do meu pós-doutoramento em Antropologia na USP, e em recortes da pesquisa como parte das investigações do Napedra.

7. O conto MEDEA, de Newton Moreno, foi publicado, em 2016, pela Editora Cubzak, no livro *Ópera e outros contos*.

contornos e cores expressionistas, sorvidos das xilografias alemãs e brasileiras, sem falar na bela composição da musicista Erika Nande, que, em épica melodia, preenche o cadafalso da estrangeira nordestina em terras sudestinas, culpabilizada e encarcerada pelo infame infanticídio, motivado pela deslealdade cometida pelo seu consorte traidor.

A saber, Medea é, etimologicamente, “aquela que sabe” ou “a do bom conselho”. Medea, a envenenadora, a bruxa, com a caldeira mágica, que induziu as filhas de Pélias a esquartejar e cozinhar o pai; Medea, a infanticida, é a antecessora dessas vítimas de uma paranoia coletiva, que se nutria do temor que os homens têm do poder escuro das mulheres.

Tocar neste mito é tocar nesse poder obscuro que, acredito, tenho, como mulher. Assim como Medea, sou uma migrante, venho do Nordeste, como a figura mítica tomada por Moreno. Assim como Medea, o ato de migrar também vem significando para mim um sacrifício de minha vida pessoal; faz-me recobrar a reflexão sobre a maternidade. Tenho procurado, assim como Medea, viver na trama com a imagem da mulher que age, mobiliza tempos/espços e é capaz de provocar mudanças a partir de sua própria força.

A meu ver, a “voz” de Medea soa alto em contrapartida à imagem terrificante que a individualiza, determinando um “lugar-de-fala” das mulheres a partir do rompimento com o espaço doméstico de confinamento daquela que, historicamente, é sujeita às falas e às penas masculinas que conduzem o espaço público, político e também o narrativo. A Medea, de Newton Moreno, que acabo por dar vida em cena, coloca ao centro uma mãe assassina de crianças e sua recusa em se conformar aos modos, patriarcalmente determinados, de comportamento.

Entendo que a cena tem representado Medea e seu ato de infanticídio repetidamente, mas o ponto central dessa nossa investida videoperformática é liberar uma voz de mulher densamente injustiçada e que é altamente crítica do comportamento masculino e da institucionalização de seu poder. Enfim, não sei se podemos remontar num “matriarcado” contemporâneo, mas talvez em uma linha matrilinear, que este mito nos auxilia a visualizar; desenhos interpretativos eficazes aos feminismos que incorporam o mito em sua afirmação política e a crítica ao comportamento *falocentrado*.

Apresentar e discutir a versão virtual de minha MEDEA, no evento Napedra 20 anos, é remontar dezoito anos de investigações sobre mito, rito e as cartografias feministas no campo das artes, que o grupo Napedra tornou-se importante impulsionador, especialmente ao me colocar frente

aos estudos da performance, da antropologia e seus irreversíveis atravessamentos e tramas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Motim mito rito cartografias feministas nas artes. 2022. "MEDEA – Luciana Lyra". YouTube, 15:20. <https://bit.ly/3UtuQ3g>

RESUMO

Escrito em primeira pessoa, este texto tem por escopo apresentar a videoperformance MEDEA, com atuação de Luciana Lyra, direção de Ana Cecília Costa para o texto de Newton Moreno. Criada em 2021, a ação videográfica, com 18 minutos de duração, busca inspiração em imagens das xilogravuras alemãs e brasileiras, de tons expressionistas, para dar conta da densa narrativa que se desdobra acerca desta personagem icônica da tragédia grega, aqui revisitada em contexto brasileiro. Sendo a MEDEA, nesta narrativa videoperformada, uma nordestina na diáspora ao Sudeste nacional, o trabalho acaba por denunciar o estado de opressão sofrido pelas mulheres migrantes, dando contornos feministas à ação artística, signo das atuações e encenações encampadas por Lyra, integrante do Napedra (Núcleo de Antropologia, performance e drama – Universidade de São Paulo), desde 2004, e fundadora do grupo de pesquisa Motim – Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ), em 2015.

PALAVRAS-CHAVE

Medea;
Videoperformance;
Feminismos;
Napedra; Motim.

ABSTRACT

Written in first person, this text aims to present the video performance MEDEA, performed by Luciana Lyra, directed by Ana Cecília Costa for the text by Newton Moreno. Created in 2021, the videographic action, with duration of 18 minutes, seeks inspiration in images from German and Brazilian woodcuts, with expressionist tones, to account for the dense narrative that unfolds about this iconic character of Greek tragedy, revisited here in a Brazilian context. Since MEDEA, in this video-performed narrative, is a northeastern woman in the diaspora to the Brazilian Southeast, the work ends up denouncing the state of oppression suffered by migrant women, giving feminist contours to the artistic action, a sign of the performances and stagings championed by Lyra, a member of Napedra (Nucleus of Anthropology, Performance and Drama – Universidade de São Paulo), since 2004, and founder of the research group Motim – Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ), in 2015.

KEYWORDS

Medea; Video
performance;
Feminisms;
Napedra; Motim.



Luciana Lyra é atriz, encenadora, dramaturga e escritora. Coordenadora e docente do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), docente associada do Instituto de Artes na mesma universidade. Docente colaboradora nos Programas de Pós-Graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande Norte (UFRN) e na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). PhD. em Antropologia (FFLCH/USP) e em Artes Cênicas (UFRN). Mestre e doutora em artes da cena (IA/Unicamp). Líder do Grupo de Pesquisa MOTIM - Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes (CNPq). Sites: <https://amotinadas.wixsite.com/motim>; <http://www.unaluna.art.br/>; <http://www.lucianalyra.com.br/>. E-mail: lucianalyra@gmail.com.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 29/08/2022

Aprovado em: 10/10/2022